



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARIA JUCIARA FERREIRA SILVA

**DISLEXIA: RETRATO DAS VIVÊNCIAS E DIFICULDADES DE DOCENTES E
DISCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA.**

GUARABIRA – PB

2020

MARIA JUCIARA FERREIRA SILVA

DISLEXIA: RETRATO DAS VIVÊNCIAS E DIFICULDADES DE DOCENTES E DISCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Orientador: Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira

GUARABIRA – PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Maria Juciara Ferreira.
Dislexia [manuscrito] : retrato das vivências e dificuldades de docentes e discentes no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula / Maria Juciara Ferreira Silva. - 2020.
27 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2020.
"Orientação : Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira, Departamento de Educação - CH."
1. Dislexia. 2. Aprendizagem. 3. Dificuldades. 4. Estratégias. I. Título

21. ed. CDD 371.194

MARIA JUCIARA FERREIRA SILVA

DISLEXIA: RETRATO DAS VIVÊNCIAS E DIFICULDADES DE DOCENTES E DISCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação e Formação Docente

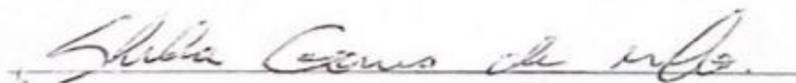
Aprovada em: 25/11/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vital Araújo Barbosa de Oliveira (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Sheila Gomes de Melo (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Márcia Gomes dos Santos Silva (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p.47).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Tipos de Dislexia.....	11
Quadro 2 – Dificuldade de leitura e problema na fala em criança disléxica a partir do 2º ano	13
Gráfico 1 – Alunos com Dislexia distribuídos por turmas.....	17
Gráfico 2 – Resultado sobre auxílio diferenciado a criança disléxica em sala de aula.....	18
Gráfico 3 – Resultado sobre o professor está preparado para ensinar a criança com dislexia.....	19
Gráfico 4 – Resultado sobre o surgimento das primeiras características de dislexia nas crianças no período da alfabetização.....	20

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Conhecendo o conceito da Dislexia	10
2.2 Sintomas e diagnóstico da Dislexia..	13
2.3 O acompanhamento e intervenções psicopedagógicas em crianças Disléxicas.....	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
3.1 Tipo de pesquisa.....	15
3.2 Instrumento de pesquisa e público alvo	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23
APÊNDICE A	25

DISLEXIA: RETRATO DAS VIVÊNCIAS E DIFICULDADES DE DOCENTES E DISCENTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA.

DYSLEXIA: PORTRAIT OF EXPERIENCES AND DIFFICULTIES OF TEACHERS AND DISCENT IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS IN THE CLASSROOM.

Maria Juciara Ferreira Silva

RESUMO

O presente trabalho é um resultado de um estudo sobre a dislexia e sua complexidade, as dificuldades encontradas em sala de aula tanto para a criança disléxica, como para o professor que necessita adaptar-se a uma nova realidade. Sabemos que esse distúrbio acarreta problemas sérios no processo de aprendizagem de um indivíduo, pois é categorizada como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem no campo da leitura, escrita e soletração, afetando diretamente na vida educacional da criança. A dislexia já pode ser notada no início do processo de alfabetização. Partindo deste contexto foram analisadas quais são as principais dificuldades presentes em sala de aula que os docentes enfrentam no processo de ensino em crianças com dislexia, foi verificado como o fator emocional interfere no processo de aprendizagem, e quais são meios eficazes que o docente pode utilizar em sala de aula para que ocorra uma efetivação de uma prática pedagógica adequada às crianças disléxicas. A metodologia utilizada foi à bibliográfica, com o embasamento teórico, tendo em vista a gama de conhecimentos de autores como Frank, Massi, Fonseca, Olivier, dentre outros, sobre o conceito da dislexia, os sintomas característicos e seu diagnóstico, bem como o acompanhamento e intervenções psicopedagógicas em crianças disléxicas, como também foi aplicada uma pesquisa qualitativa utilizando como instrumentos um questionário e entrevista informal com os professores do Ensino Fundamental I de uma escola da rede privada do município de Guarabira/PB. Por fim, vale ressaltar que a dislexia, não pode ser confundida com preguiça, ou má vontade da criança, é um distúrbio sério, que tem um impacto profundo na vida das pessoas, faz-se necessário tratamento adequado, com equipe de profissionais de diversas áreas, para que ocorra uma melhora significativa tanto no processo educacional, quanto emocional, na vida do indivíduo que possui dislexia.

Palavras chave: Dislexia. Aprendizagem. Dificuldades. Estratégias.

ABSTRACT

The present work is the result of a study on dyslexia and its complexity, the difficulties found in the classroom for both the dyslexic child and the teacher who needs to adapt to a new reality. We know that this disorder causes serious problems in the learning process of an individual, as it is categorized as a learning disorder or disorder in the field of reading, writing and spelling, directly affecting the child's educational life. Dyslexia can already be noticed at the beginning of the literacy process. From this context, the main difficulties present in the classroom that

teachers face in the teaching process in children with dyslexia were analyzed, it was verified how the emotional factor interferes in the learning process, and which are effective means that the teacher can use in the classroom so that an adequate pedagogical practice for dyslexic children takes place. The methodology used was the bibliographic, with a theoretical basis, considering the range of knowledge of authors such as Frank, Massi, Fonseca, Olivier, among others, on the concept of dyslexia, the characteristic symptoms and their diagnosis, as well as the monitoring and psychopedagogical interventions in dyslexic children, as well as a qualitative research using a questionnaire and informal interview with teachers from Elementary School I of a private school in the city of Guarabira / PB. Finally, it is worth mentioning that dyslexia cannot be confused with laziness, or the child's ill will, it is a serious disorder, which has a profound impact on people's lives, it is necessary to have adequate treatment, with a team of professionals from different countries areas, so that there is a significant improvement in both the educational and emotional processes in the life of the individual who has dyslexia.

Keywords: Dyslexia. Learning. Difficulties. Strategies

1 INTRODUÇÃO

O processo educacional transpôs séculos passando por várias transformações, evoluindo principalmente no que tange a direção de metodologias de ensino por nossos educadores, porém é notável que os problemas no processo de ensino aprendizagem vêm crescendo bastante, as dificuldades na escrita e leitura das crianças são as mais relatadas pelos docentes na escola, e muitas vezes são atribuídas a transtornos de aprendizagem.

Sabemos que existem diversos transtornos e distúrbios que dificulta o processo de aprendizagem de um indivíduo, até o fator emocional contribui com estas dificuldades, porém a dislexia, como também, estratégias para se trabalhar estas dificuldades em sala de aula é o enfoque deste trabalho. Segundo a Associação Brasileira de Dislexia (2019), esse distúrbio é específico da linguagem, de origem constitucional, caracterizado pela dificuldade em decodificar palavras simples. Pode até parecer algo simples, mais esse distúrbio acarreta para a vida do indivíduo sérios problemas. Quando trazemos para a realidade de crianças que estão nas séries iniciais do ensino fundamental, onde a leitura fluente e interpretação textual são essenciais para as mais variadas disciplinas, pode-se perceber claramente o nível de dificuldade que estes indivíduos sentem e passam no seu dia a dia.

Partindo para outra visão, na sala de aula, professores demonstram muita aflição a lecionar crianças com algum tipo de transtorno ou deficiência, essa apreensão é desencadeada por vários fatores, desde a falta de formação educacional correta, ao medo da cobrança exagerada da instituição e pais, para Morais (2003) tanto a dislexia como as demais dificuldades escolares, seja qual for a causa, faz-se necessário uma preocupação por parte dos docentes e dos responsáveis pela criança, para buscar um diagnóstico precoce com a intenção de elaborar uma estratégia de auxílio, onde a criança consiga superar os obstáculos que vão tornando impossível o ato de aprender a ler e a escrever.

É válido enfatizar que as práticas de auxílio no processo de desenvolvimento da criança disléxica não podem ser destinadas somente as clínicas ou profissionais como psicopedagogos, psicólogos dentre outros, deve existir uma elo de parceira entre escola-professor-equipe de multiprofissionais especializados, porém fazendo uma breve observação, que muitas das vezes boa parte do público das escolas públicas do nosso país não apresenta condições financeiras para buscar uma ajuda específica para sua criança que possua algum tipo de transtorno, restando somente à escola e o professor para lidar com essa situação complexa.

A partir deste contexto, o presente artigo irá abordar como objetivo geral da pesquisa quais são as principais dificuldades vivenciadas pelos docentes e alunos com dislexia, no processo ensino/aprendizagem no contexto escolar. Como complemento, os objetivos específicos irão analisar quais as dificuldades marcantes em crianças com dislexia; a experiência e conhecimento dos educadores acerca do assunto dislexia, e investigar quais são meios eficazes para a efetivação de uma prática pedagógica adequada as crianças disléxicas em sala de aula.

A escolha do trabalho manifestou-se mediante a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a dislexia, e os dilemas que vivenciam em sala de aula os docentes e discentes, buscando compreender os instrumentos e procedimentos adequados ao contexto e às necessidades da criança disléxica, para que se possibilite minimizar o problema, desenvolver habilidades, respeitar as limitações e especificidades de cada indivíduo.

O trabalho está dividido em cinco momentos para melhor apresentação, sendo a primeira a introdução que se refere ao objetivo do trabalho, os assuntos examinados acerca da pesquisa e a justificativa pela escolha do tema. O segundo momento evidencia o embasamento teórico, tendo em vista a gama de conhecimentos de autores sobre o conceito da dislexia, os sintomas característicos e seu diagnóstico, bem como o acompanhamento e intervenções psicopedagógicas em crianças disléxicas. O terceiro discorre acerca dos procedimentos metodológicos da pesquisa, o público alvo e os instrumentos utilizados para coleta de dados. Por sua vez, o quarto momento disserta sobre os resultados obtidos, através do questionário aplicado aos participantes envolvidos na pesquisa. No último momento são apresentadas as considerações finais, expressando as conclusões obtidas com esta pesquisa e perspectivas para trabalhos futuros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conhecendo o conceito da Dislexia

Existem diversos autores que dedicaram seus estudos e pesquisas em busca do conhecimento e compreensão do que é realmente o transtorno da dislexia, um distúrbio que afeta diretamente indivíduos que se encontram na fase do desenvolvimento das habilidades ligadas à leitura e à linguagem. Diante destas pesquisas podemos observar diversos conceitos sobre a dislexia.

Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS (2007) a dislexia está categorizada como transtorno específico da soletração, ou seja, um retardo característico da soletração sem transtorno de leitura (CID-10: F81.1). A OMS ainda afirma que:

A característica essencial é uma alteração específica e significativa do desenvolvimento da habilidade para soletrar, na ausência de antecedentes de um transtorno específico de leitura, e não atribuível à baixa idade mental, transtornos de acuidade visual ou escolarização inadequada. A capacidade de soletrar oralmente e a capacidade de escrever corretamente as palavras estão ambas afetadas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2007, p. 365).

Fonseca (1995), diz que a dislexia trata-se de uma desordem apresentada na aprendizagem da leitura, independentemente de instrução convencional, e que está relacionado a funções cognitivas, que são de origem orgânica na maioria dos casos. Vale ressaltar que o indivíduo que apresenta esse transtorno, demonstra ter uma inteligência normal ou até mesmo superior, quando comparada com outra pessoa considerada “típica”, pois não se trata de uma doença mental, visual, auditiva, ou emocional, como também não provêm do meio sociocultural em que vive, a dislexia é compreendida como um transtorno de aprendizagem, com origem neurobiológica, podendo ser hereditária ou adquirida.

De acordo com as pesquisas de Frank (2003), “a dislexia é um problema neurológico relacionado à linguagem e a leitura: as habilidades de escrita de palavras e de textos, de audição, de fala e de memória também podem sofrer impactos”. Desse modo, muitas pessoas acreditam erroneamente que o transtorno da dislexia seja somente uma dificuldade de leitura ou identificação de números, e por muitas vezes acabam rotulando a criança de “burra, preguiçosa”, e outros adjetivos negativos que lesiona totalmente o fator emocional desta criança, porém quando efetivamente existe um aprofundamento no conhecimento deste distúrbio verifica-se que é bem mais complexo do que se presume.

Conforme Massi (2007), a dislexia, configura-se por uma leitura e escrita apontadas por trocas, omissões, junções e aglutinações de grafemas, confusões entre letras ou sílabas, união ou divisão de vocábulo, a exemplo: em *eraumaves* (era uma vez) e *a mi versario* (aniversário). Esses problemas na decodificação de palavras simples não são previstas em relação à idade, embora tenha recebido a educação convencional, a criança falha no seu processo da aquisição da linguagem, com frequência, incluído muitas vezes o não desenvolvimento da habilidade de soletrar e escrever (IANHEZ & NICO, 2002, P. 23).

É significativo ressaltar que o indivíduo disléxico lê por palavras e não por orações ou parte de orações, o que dificulta sua compreensão e seu significado, onde ao final da leitura não irá fazer sentido algum, pois o mesmo não conseguirá decodificar, e fazer a interpretação correta. Para Johnson e Myklebust (1991, p. 179):

As crianças disléxicas são seriamente deficientes no que diz respeito à soletração, pois a forma escrita requer a capacidade simultânea para visualizar auditivamente as letras. Portanto, se qualquer uma dessas capacidades for deficiente, resultará em distúrbios de leitura e escrita (JOHNSON E MYKLEBUST, 1991, p. 179).

Podemos afirmar que apesar de algumas características serem semelhantes nos diversos tipos de dislexia, cada indivíduo disléxico é único, o sujeito irá apresentar dificuldades próprias, necessitando de apoio individualizado, pois cada ser é moldado de acordo com suas particularidades, aptidões, experiências de vida e personalidade, pois além de apresentarem a dislexia, esses podem manifestar características de um ou mais transtornos do neurodesenvolvimento, seja elas, mais leves ou características mais severas. Segundo o Dr. Sérgio Pereira, pesquisador, e que trabalha diretamente com o diagnóstico e tratamento dessa patologia, afirma que a dislexia pode ser dividida em vários tipos de acordo com suas características, conforme é exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de Dislexia

Tipos de Dislexia	Características
Dislexia Auditiva ou Disfonética	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades na diferenciação, na análise e na nomeação dos sons da fala. • Dificuldade de integração grafema (letra) e fonema (som). • Nomeação de séries e nas rima
Dislexia Visual ou Diseidética	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade na percepção e discriminação visual. • Confusões entre grupos de letras e dificuldades em transformar letras em sons.
Dislexia Mista ou Visuoauditiva	<ul style="list-style-type: none"> • Quando existe a combinação de mais de um tipo de dislexia. • Provoca uma quase total incapacidade para a leitura. • Dificuldade em verificar tanto na análise fonética das palavras como na percepção de letras e palavras completas.

Fonte: PEREIRA, Sergio. Instituto de Apoio e Desenvolvimento, 2020. Adaptado pela autora do artigo (2020).

É perceptível compreender que na dislexia disfonética a criança não consegue identificar, ou diferenciar o som das palavras ao ser pronunciado,

principalmente as que possuem sons semelhantes, pois apresentam dificuldades em lidar com habilidades que requerem análise fonética. Segundo Assunção (2018), outra forma de verificar a discriminação auditiva é através da identificação de rimas, pois a produção de rimas pode ser realizada de forma automática, enquanto para verificar a rima é imprescindível um nível maior de consciência, presente em crianças maiores que não possuem problemas na fala.

Diferente da dislexia supracitada, a dislexia disidética expressam as dificuldades na questão da visuoespacial, ou seja, na orientação espacial, lateralidade, rotações, como a confusão de letras que tem orientação espacial diferente a exemplo: b d q p. Já na dislexia mista ou visuoauditiva mostra um conjunto de dois ou mais tipos de dislexia, podendo apresentar, dificuldades visuais e auditivas ao mesmo tempo. Partindo para a visão da dislexia no campo da neuropsicologia, Bergamo (2005) afirma que:

Sabe-se que se trata de um problema de ordem genética, mais comum em meninos. A hipótese mais aceita para a sua origem é a de que o distúrbio começa a se estabelecer ainda durante o processo da formação cerebral. Entre a vigésima a vigésima quinta semana de gestação, neurônios migram do núcleo para a periferia do cérebro do feto. Nos disléxicos, alguns neurônios se perderiam no caminho comprometendo as áreas cerebrais envolvidas no processamento da linguagem. Por isso o cérebro dos disléxicos seria menos especializado para decifrar e ordenar letras e números, para a orientação espacial e para as capacidades motoras finas e grossas, como desenhar e chutar uma bola. (BERGAMO, 2005, p. 104).

Nesta área de estudo da dislexia, leva em consideração as estruturas cerebrais do indivíduo e realizam exames de imagem específicos para esclarecer quais regiões do cérebro são afetadas, para que apresente dificuldade em relação à linguagem.

Olivier (2006) declara que existem a Dislexia Adquirida, que pode ser contraída por meio de um acidente vascular cerebral, lesão cerebral e traumatismo de crânio, onde a pessoa era “normal” antes do acidente, e depois apresenta dificuldade na aquisição da leitura, ou falha de memória. Na Dislexia Congênita ou Inata, o indivíduo já nasce com o distúrbio, exibindo alterações cerebrais, o indivíduo pode ter grandes problemas de coordenação motora, na fala, escrita e leitura. A Dislexia ocasional ocorre por alteração no sistema nervoso, TPM, hipertensão e sobrecarga de atividades, a recuperação para esse tipo de dislexia é bem mais simples, pois requer somente mudança de rotina e repouso.

Conforme Fonseca (2011) afirma que na maioria das definições sobre a dislexia, o critério na habilidade fonológica e o reconhecimento de vocábulo são as dificuldades que mais se sobressaem, o mesmo ainda corrobora que diversos estudos verificaram que os disléxicos são pessoas muito talentosas, que com o estímulo adequado em suas habilidades, resultarão em excelentes resultados diante da sociedade.

É importante ressaltar os diferentes campos de pesquisa dentro da dislexia, onde se estabelecem a visão da psicopedagogia, que se confirmada é direcionada para outros profissionais para se trabalhar em conjunto dentro do âmbito educacional, como também existe o estudo na área da neuropsicologia, voltado para a parte biológica do indivíduo.

2.2 Sintomas e diagnóstico da Dislexia

Os sintomas da dislexia podem ser percebidos desde cedo, já no início da primeira infância, onde apresenta atraso no desenvolvimento motor, dificuldade no engatinhar, sentar e andar, lentidão na fala e pronunciar palavras, como também para compreender seus significados, dificuldades em adaptações nos primeiros anos escolares. Na fase da alfabetização, os surgimentos de novos obstáculos se manifestam, como dificuldades na aquisição da leitura, o desenvolvimento da escrita, as cobranças tanto dos responsáveis quanto do professor em “aprender”, para muitas crianças é um procedimento simples e natural, para o disléxico é difícil e doloroso. Esta sucessão de dificuldade acompanha a criança disléxica até sua fase adulta se não for diagnóstica e tratada corretamente, acarretando diversos problemas ao longo da vida em todos os âmbitos. Para Frank (2003), quando os pais começam a observar que seu filho não está acompanhando as atividades, mostrar baixa autoestima, apresentar confusão entre a direita e esquerda, tem dificuldade em soletrar e ler em voz alta, problemas de memória.

Para evidenciar os sintomas de forma mais objetiva, Shaywitz (2006) elucida algumas dificuldades na leitura e problemas na fala, que são mais recorrentes em crianças a partir do 2^a ano do ensino fundamental I, porém é válido ressaltar que os indivíduos que possuem dislexia, podem manifestar outras dificuldades além dessas mencionadas, e em graus diferentes, é necessário se manter atento para não ocorrer uma generalização dos fatos, não se prendendo a uma única definição simplória, como exemplifica o Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Dificuldade de leitura e problema na fala em criança disléxica a partir do 2º ano.

Dificuldade de leitura	Problemas na fala
<ul style="list-style-type: none"> ○ Progresso demorado na aquisição de leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Pronúncia errada de palavras longas, complicadas ou desconhecidas.
<ul style="list-style-type: none"> ○ Deixar lacunas ao ler as palavras. Exemplo: árve ao invés de árvore. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Rompimento das palavras – omitir ou confundir partes das palavras.
<ul style="list-style-type: none"> ○ Hesitação para ler em voz alta. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Fala pouco fluente – pausar frequentemente (Humm, hã, hum).
<ul style="list-style-type: none"> ○ Baixo desempenho em testes de múltipla escolha. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Uso de palavras pouco específicas no lugar do nome do objeto, tais como, coisa ou negócio.
<ul style="list-style-type: none"> ○ Substituição de palavras sinônimas por não conseguir pronunciar, como: carro ao invés de automóvel. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Problemas de memória imediata – dificuldade para lembrar datas, nomes, números, listas aleatória.
<ul style="list-style-type: none"> ○ Compreensão das palavras é mais fácil em um contexto do que isoladamente. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Incapacidade de resposta oral rápida, precisa de tempo para a elaboração.

FONTE: SHAYWITZ, Sally. Entendendo a dislexia, 2006. Adaptado pela autora do artigo.

Quando partimos para o diagnóstico da dislexia, este deve ser feito por uma equipe multidisciplinar que envolva professores, pedagogos, psicólogos, psicopedagogos e fonoaudiólogo, neurologistas, para obter melhor resultado para esse diagnóstico, ou descartá-lo se for o caso, a escola também exerce seu papel importante, assim como o dos pais do aluno e o levantamento familiar são indispensáveis para a realização do diagnóstico. Durante todo o processo é necessário que os especialistas, a escola, e os pais estejam em sintonia, lembrando

que a dislexia não tem cura, possui tratamento que auxiliam a amenizar e melhorar sintomas desse distúrbio.

Segundo a Associação Nacional de Dislexia (2016) qualquer indivíduo com Dislexia têm responsabilidades e direitos:

O direito de ser reconhecido como portador de um transtorno funcional específico; O direito a diagnóstico e tratamento por um profissional de saúde que conheça adequadamente o transtorno. O direito de tomar decisões baseadas nas informações científicas disponíveis acerca dos benefícios, riscos e custos do tratamento de acordo com a individualidade de cada caso. O direito de receber, como aluno, um atendimento especial pelos educadores e instituições (AND, 2016, n.p.).

São realizados diversos exames para efetivação do diagnóstico, tantos exames neurológicos, exames visuais, auditivos, como também cognitivos a exemplo de uma avaliação para verificar a capacidade de leitura (velocidade, memória, decodificação e compreensão), testes para saber a capacidade intelectual (QI) alguns podem ser realizados na escola, e outros são realizados em locais específicos por especialistas. Vale frisar que todo este processo deve ser bem transparente tanto para os pais quanto a escola. Nico (2003) afirma que:

O diagnóstico deve ser significativo para os pais e educadores, assim como para a criança. Simplesmente encontrar um rótulo não deve ser o objetivo da avaliação, mas tentar estabelecer um prognóstico e encontrar elementos significativos para o programa de reeducação. É de grande importância que sejam obtidas informações sobre o potencial da criança, bem como sobre suas características psiconeurológicas, seu desempenho e o repertório já adquirido. Informações sobre métodos de ensino pelos quais a criança foi submetida, também, são de grande significação (NICO 2003).

A partir desse contexto a criança deve ser encaminhada para os especialistas correto, dando início ao seu tratamento, como também a escola deverá oferecer um suporte de ensino e avaliação diferenciado para esta criança em sala, consiga evoluir dentro das suas limitações, sendo resguardado esse direito perante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação/9.394, de 20/12/96 onde afirma que no artigo 24, inciso V, “A avaliação seja contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo prazo” (LDB, 1996).

2.3 O acompanhamento e intervenções psicopedagógicas em crianças Disléxicas

A Psicopedagogia é a área do conhecimento que trabalha diretamente com as dificuldades das pessoas relacionadas à aprendizagem, pois estuda como se dá esse processo. No entanto, a Psicopedagogia não se aplica somente quando existe um problema ou uma dificuldade apresentada, ela pode ser aplicada como forma preventiva, na intenção de evitar que essas dificuldades se instaurem.

Segundo Porto (2006) na instituição educacional o psicopedagogo observa e analisa os diferentes setores em todos os aspectos, como por exemplo, a dinâmica das respectivas rotinas, a estrutura organizacional, o procedimento da distribuição do trabalho, os relacionamentos, as questões metodológicas do ensino, como também os aspectos estruturais a exemplo os campos afetivos, cognitivos, motores, sociais, políticos. etc., desenvolvendo uma abordagem reflexiva e crítica junto à equipe pedagógica e docente, esse é o objetivo da psicopedagogia institucional contribuir no processo da aprendizagem dos alunos, e reduzir o fracasso escolar existente.

Como se pode observar o acompanhamento de um psicopedagogo no ambiente escolar é de suma importância, partindo para o trabalho deste profissional em crianças disléxicas, Gonçalves (2005) afirma que as intervenções psicopedagógicas aplicadas buscarão os talentos que esta criança pode oferecer, descartando seus pontos fracos, pois estes podem diminuir ainda mais sua baixa autoestima, quando são expostos, lembrando que para cada indivíduo disléxico existe técnicas e metodologias próprias. É válido ressaltar que quanto mais cedo estes indivíduos forem diagnosticados e receberem um acompanhamento, às chances dos impactos emocionais e comportamentais é bem menor em suas vidas.

Existem diversas metodologias a serem trabalhadas com um disléxico, desde exploração da aprendizagem multissensorial, que aborda a consciência fonética, como também os estímulos dos sentidos (tato, visão, movimento e audição), a exemplo, quando se pede que o indivíduo escreva alguma coisa em uma caixinha de areia, ou escute o som para tentar identificar e escrever as palavras, como também o uso de jogos para que se desenvolva a atenção, raciocínio, memória, e cognição, onde Vygotsky (1979) diz a criança aprende muito brincando, o que seria aparentemente algo para gastar energia ou distrair, é um instrumento importante para seu desenvolvimento emocional, social, psicológico e cognitivo. Outro método utilizado é a consciência fonológica onde a criança tem que distinguir o som e a letra de cada palavra. Segundo Alves, Mousinho e Capellini (2011) “a consciência fonológica é definida como a habilidade para refletir sobre a estrutura sonora de fala, bem como manipular seus componentes, envolve a capacidade de pensar e operar sobre a linguagem falada como um objeto”. O importante de início é sair da “mesmice” em que a criança encontrar-se habituado, todas as práticas devem ser voltadas para a aprendizagem e evolução da criança, dando ênfase nos acertos, desse modo seu fator emocional também mostrará progresso.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Tipo de pesquisa

Para a construção deste trabalho a primeiro momento foi realizado uma vasta pesquisa bibliográfica, com uma gama de autores que abordam questões e estratégias sobre a dislexia, desde suas causas até tratamentos para sanar as dificuldades apresentadas nesse distúrbio.

Dando seguimento, foi realizada uma pesquisa qualitativa, que segundo Deslauriers (1991), é neste tipo de investigação que o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e a peça de suas pesquisas, onde a informação do pesquisador é parcial e restringido, outro elemento importante é que o pesquisador não pode cometer julgamentos ou permitir que suas crenças e preconceitos influenciem na pesquisa. A pesquisa qualitativa traz as seguintes características como mostra Silveira e Córdova (2009):

Objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (SILVEIRA e CORDOVA, 2009, p.32).

Vale ressaltar que a pesquisa qualitativa não se atenta com quantidade numérica, sua atenção está voltada para o aprofundamento do entendimento de um grupo social, de uma organização, nas dinâmicas sociais, ou seja, não pode ser quantificado, seu objetivo é que estas informações sejam capazes de gerar novos conhecimentos acerca do que se foi obtido (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009).

3.2 Instrumento de pesquisa e público alvo

Para fundamentar esta pesquisa qualitativa foi formatado e utilizado como um dos instrumentos a coleta de dados, um questionário com 10 perguntas objetivas, onde abordou diversas questões relacionadas ao conhecimento sobre a dislexia, as visões sobre as dificuldades enfrentadas em sala de aula no processo de ensino-aprendizado tanto para o docente, quanto, para o aluno com dislexia, como também uma entrevista informal, para o esclarecimento do fenômeno pesquisado. De acordo com Gerhardt et al. (2009), o instrumento técnico organizado pelo pesquisador para o registro e a exames dos dados precisará preencher as seguintes condições: validade, confiabilidade e precisão. A ferramenta para coleta dos dados para enriquecer o trabalho foi o uso do questionário. Gerhardt et al. (2009) traz a seguinte afirmação:

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado (GERHARDT et al., 2009, p.69).

O universo desta pesquisa foi à escola Y (rede privada de ensino), situada na cidade de Guarabira-PB, cabe ressaltar que o nome da escola e dos funcionários que participaram da pesquisa será mantido em sigilo, por preservação de imagem conforme foi pedido. A instituição oferta as modalidades de ensino infantil ao fundamental I (maternalzinho ao 5º Ano), no período da pesquisa apresentou 586 alunos matriculados distribuídos em dois turnos Matutino e Vespertino, conta com 29 professores, porém somente 20 responderam ao questionário e entrevista informal.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

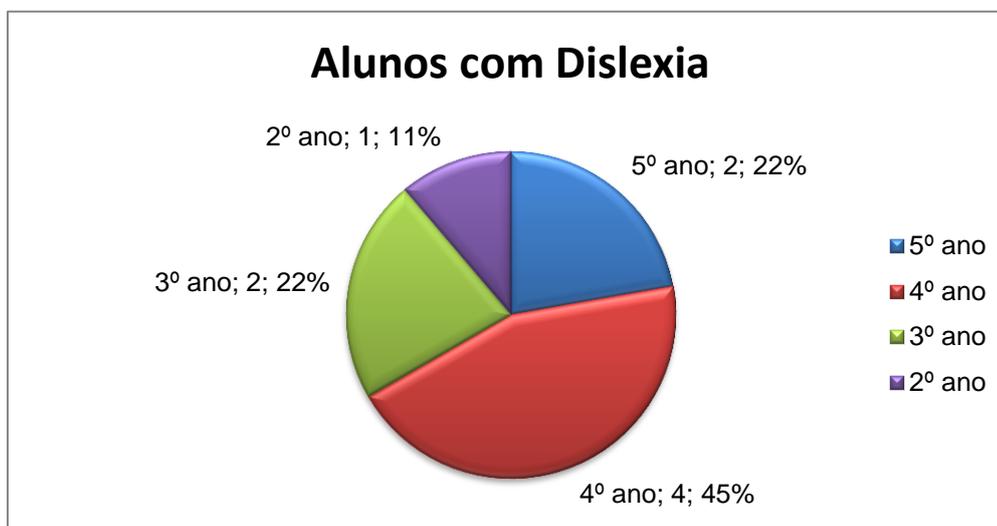
Como a pesquisa escolheu o estudo de caso, para aprofundamento sobre as vivências dos docentes com crianças disléxica em sala de aula, foi necessário inicialmente realizar uma conversa informal com a equipe gestora da instituição para mapear alguma situação relacionada ou diagnosticada com o transtorno da dislexia, logo, foi obtida a informação que a escola tem alunos disléxicos com diagnósticos concluídos, onde as mesmas já estavam em tratamento com uma equipe especializada custeada pelos pais, como também, existiam alunos que estavam sendo investigados, pois demonstravam sintomas que se enquadrava no quadro desse transtorno, porém alguns pais mostravam-se relutantes com os possíveis diagnósticos. Dando continuidade houve uma breve apresentação com a equipe de docente, onde foram expostos os objetivos da pesquisa, e os instrumentos (questionário e entrevista informal) que seriam utilizados para a coleta de dados.

A partir dos dados obtidos, foi constatado que todos os professores que responderam possuem nível superior de ensino nas diversas áreas como licenciaturas em pedagogia, geografia, história e letras, porém dos 20 docentes, 6

deles não possuem nenhum curso de pós-graduação, os mesmos relataram que não buscaram o curso por falta de tempo e questões financeiras.

Dando seguimento as perguntas do questionário, foi possível perceber que existem oito alunos matriculados na instituição com características da dislexia, vale salientar que desses oitos alunos, cinco deles possui laudos fechados e, três estão em investigação, o Gráfico 1, expõe como esses alunos estão distribuídos dentro da instituição de ensino.

Gráfico 1 – Alunos com Dislexia distribuídos por turmas



Fonte: Pesquisadora, 2020

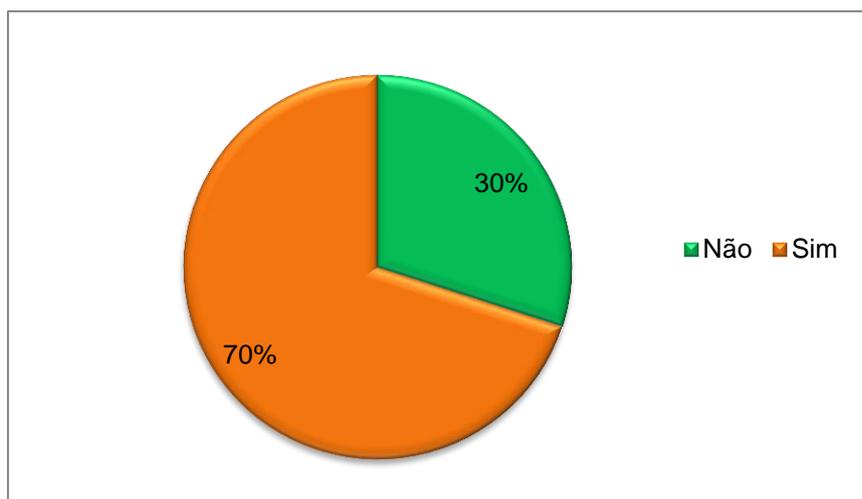
Ao observar os dados exibidos no Gráfico 1, nota-se que a turma do 4º ano do ensino fundamental I, concentra a maior parte dos alunos com características disléxica, nesse nível de ensino a criança já está com as habilidades de leitura e interpretação adquiridos, ocorrendo um aprimoramento nos seus conhecimentos durante o ano letivo, discorrendo sobre esta questão, Ribeiro (2008) ressalta que o professor ao receber um aluno disléxico e sua sala de aula, deverá estar preparado e ciente que este indivíduo é inteligente e, capaz de aprender, porém não vai ser no mesmo ritmo dos outros alunos, suas limitações a priori precisará ser investigadas, é necessário ter a cautela para não expor suas dificuldades frente à turma, para que o mesmo não se sinta diminuído perante todos. Partindo para uma visão mais realista de muitas salas de aulas do nosso país, esses pontos não são vivenciados de maneira efetiva, isto ocorre muitas vezes, por falta de preparo do professor em buscar conhecimento sobre o assunto dislexia e tantos outros distúrbios, síndrome, entre outros, falta de suporte tanto das escolas, quanto das famílias, para se trabalhar em conjunto em busca de um desenvolvimento na aprendizagem da criança.

No ponto 2 do questionário, que aborda sobre a existência de um currículo específico na escola, que facilita a aprendizagem dos alunos disléxicos, os 20 docentes responderam que não existe um currículo específico, a direção da instituição deixa a critério do professor providenciar os métodos necessários para facilitar a aprendizagem, dando o suporte quando for necessário, uma das principais queixas das entrevistadas foi à ausência de um psicopedagogo na escola para dar suporte adequado, trabalhando em equipe, no cotidiano em sala de aula, vale ressaltar que não possui atendimento psicopedagógico na instituição de ensino.

Sobre o questionamento, se existe cura para dislexia, 17 docentes que não existe cura, enquanto três docentes afirmaram que a dislexia possui cura, mostrando dessa maneira conhecimento ainda fragmentado acerca do assunto, onde se ressalva que a dislexia é um transtorno que possui tratamento.

Na continuidade da pesquisa, foi indagado sobre a ajuda diferenciada em sala de aula, inclusive no dia da avaliação bimestral, após o preenchimento do questionário foi possível realizar uma conversa informal com o grupo de docentes onde levantou debate sobre a forma de avaliação aplicada pelos mesmos, a prova adaptada foi o método de avaliação mais empregado em sala de aula para os alunos disléxicos, para os entrevistados, esse método avalia de maneira mais justa, conseguindo obter sucesso, porém essa avaliação é elaborada de acordo com o nível em que a criança está no momento. Segundo Tavares (2008) a avaliação deve ser feita de acordo com os conhecimentos apresentados pela criança, e não baseada em suas dificuldades ou em seus erros ortográficos, dando preferencia a respostas orais, e lendo para ela sempre que não consiga compreender o que está sendo exposto. Quando comparado com a outra parcela de docente, onde responderam que aplica a mesma avaliação para a turma completa, foi questionado sobre o rendimento das crianças com dislexia, as mesmas afirmaram que devem ser avaliados de acordo com os conteúdos fixados para o nível de ensino, auxiliam somente na explicação de forma mais direta possível durante a aplicação da prova, é perceptível, que estes professores ainda permanecem presos em uma visão arcaica, o que prejudica diretamente o processo desenvolvimento dessas crianças, o Gráfico 2, retrata de maneira clara essas informações.

Gráfico 2 – Resultado sobre auxilio diferenciado a criança disléxica em sala de aula.

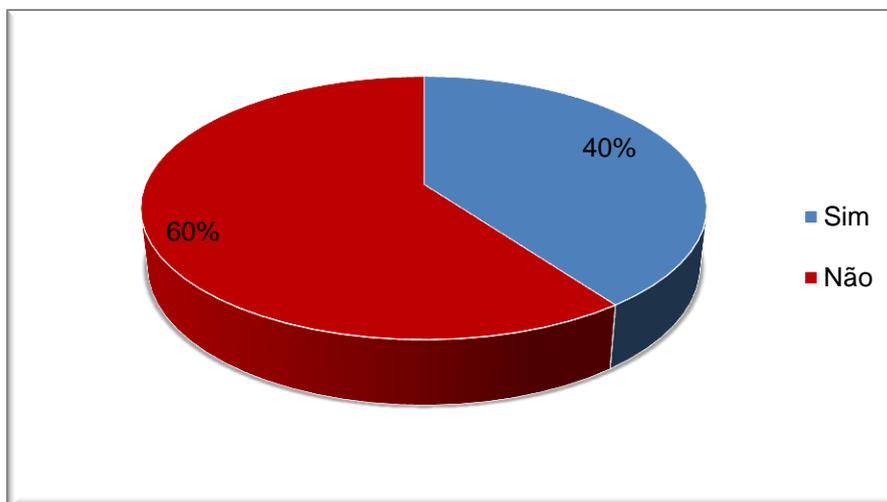


Fonte: Pesquisadora, 2020.

Ao iniciar o tópico, abordando se os professores se sentem preparados para lecionar a crianças que possuem dislexia, a conclusão para a resposta foi surpreendente, conforme mostra o Gráfico 3, mesmos os docentes apresentando conhecimento sobre o assunto, muitos apresenta temores, vale salientar que não há uma formula mágica para se trabalhar com crianças disléxicas, faz necessário conhecer primeiro este aluno e traçar um plano de ensino flexível, com base no conhecimento que o individuo possui. Alguns pontos levantados com base nas respostas dos entrevistados foram: Receio de fracassar em sala de aula, em relação

ao desenvolvimento da criança com dislexia; o medo e a cobrança dos pais e a instituição de ensino; a falta de tempo para buscar estratégias de ensino que se adequem a realidade do aluno e da turma.

Gráfico 3 – Resultado sobre o professor está preparado para ensinar a criança com dislexia.



Fonte: Pesquisadora, 2020.

Falando sobre a relação de troca de informações entre família e escola, os docentes responderam por unanimidade que sim, sendo responsabilidade dos pais realizarem essa troca de conhecimentos entre a escola, docente e profissionais que fazem o acompanhamento da criança, porém em muitos casos à ausência dos pais e a não aceitação dislexia em seu filho, compromete o funcionamento para obtenção do processo de aprendizagem, muitos pais alegam que suas crianças são somente “preguiçosas”, “não querem estudar”, desta forma retira a chance realmente da criança obter um acompanhamento adequado, prejudicando diretamente por falta de conhecimento a vida de seus filhos, pois mesmos sendo acompanhados somente pela a escola, esses alunos perdendo o direito de garantir uma melhor condição no seu aprendizado, onde no futuro isto lhe será cobrado, pois a cada série que vai passando suas dificuldades irão aumentar se não houver uma ajudar especializada.

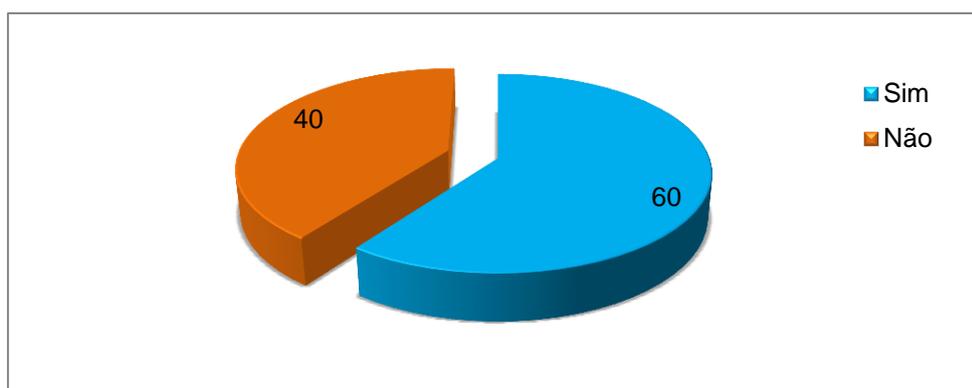
Com os resultados do quesito 7, foi possível constatar que a concepção de crianças e adultos que têm dificuldade em ler, soletrar e escrever são disléxicos ainda é bastante marcante, pois 9 docentes dos 20 entrevistados responderam que sim no questionário, mostra que mesmo na atualidade onde este assunto é constantemente debatido, ainda prevalece essa ideia errônea.

Outro fator comentado através da conversa informal pelos docentes foi sobre, a dislexia afetar o emocional da criança, onde 100% dos professores responderam que sim, os mesmos consegue perceber características similares como a baixa autoestima, a falta de interesse pelas atividades realizadas, timidez exagerada, inquietação por parte de alguns, apresentando poucas amizades. Zorzi (2008) diz que geralmente o disléxico conquista amizades entre os companheiros de turma, suas qualidades e habilidades são valorizadas, em alguns momentos o que lhes ajuda no relacionamento, entretanto, sua inaptidão para algumas atividades escolares, como provas em dupla ou trabalhos em grupo, pode levar os colegas a rejeitá-lo nessas situações. O professor tem que ficar atento para evitar esse tipo de

constrangimento, é necessário que se encoraje, valorizando-o, para que o mesmo possa confiar no seu potencial.

Acerca do surgimento das primeiras características da dislexia nas crianças no período de alfabetização, muitos profissionais possuem dúvidas, para aqueles que responderam positivo, estes estão corretos, é possível notar essas particularidades na criança desde cedo, segundo Dias (1995) a dificuldade em aprender o alfabeto, a junção de vogais e sílabas simples, questões que envolvem orientação espacial (direita e esquerda), orientação temporal (ontem, hoje, amanhã), fazer transcrição do quadro, dentre outros aspectos, são especificidades marcantes neste transtorno, vale ressaltar o cuidado para diferenciar um desenvolvimento tardio da dislexia na criança. O Gráfico 4, demonstra as opiniões sobre o tema.

Gráfico 4 – Resultado sobre o surgimento das primeiras características de dislexia nas crianças no período da alfabetização.



Fonte: Pesquisadora, 2020.

A última pergunta proposta foi um espaço para respostas abertas, onde os professores iriam relatar sobre quais eram suas principais dificuldades encontradas em sala de aula para se trabalhar com o aluno disléxico, foram selecionadas algumas respostas para a exposição da narrativa na pesquisa, conforme está divulgado abaixo.

Professora E.F.M.S. leciona o 4º ano relatou: *“tenho dificuldade em procurar métodos para ser trabalhado em sala com meu aluno disléxico, porque ele não faz acompanhamento, então não há uma orientação, outro motivo é a quantidade de alunos em sala que tenho que dar suporte, é no total de 25 alunos, não consigo dar conta de tantas crianças”*.

A professora J.L. que leciona o 3º ano informou *“minha dificuldade maior é a criança não conseguir ler sozinha ainda, está na fase das junções de sílabas simples, estou me dividindo em auxiliar 19 crianças com conteúdos proposto no plano de curso, e alfabetizar duas crianças com dislexia em uma escola que utiliza métodos tradicionais”*.

Os professores para seguir o método de ensino instruído pela escola são muitas vezes submetidos a práticas mecanizadas, onde a prioridade são os conteúdos repassados e livros respondidos, tornando as aulas enfadonhas, o que para um aluno disléxico seria quase impossível à compreensão, pois métodos de aprendizagem por repetições, não surtem efeito em seu desenvolvimento e acabam frustrando ainda mais o aluno.

A Associação Brasileira de Dislexia oferecer algumas dicas básicas que podem auxiliar o professor em sala de aula, algumas delas são:

- Tratar o aluno disléxico com naturalidade. Ele é um aluno como qualquer outro; apenas, disléxico, para evitar discriminação.
- Use a linguagem direta, clara e objetiva quando falar com ele, pois muitos disléxicos têm dificuldade para compreender uma linguagem sofisticada e metafórica. Seja simples, utilize frases curtas e concisas ao passar instruções.
- Traga-o para perto da lousa e da mesa do professor. Tê-lo próximo à lousa ou à mesa de trabalho do professor, pode favorecer o diálogo, facilitar o acompanhamento, facilitar a orientação, criar e fortalecer novos vínculos.
- Verifique sempre e discretamente se ele demonstra estar entendendo a sua exposição. Repita sempre que preciso e apresente exemplos, se for necessário.
- Revisões devem ser frequentes e importantes.
- Não a force a modificar sua escrita, ela sempre acha sua letra horrível e não gosta de vê-la no papel. A modulação da caligrafia é um processo longo.
- Trabalhar com objetos concretos como o uso de blocos, ábacos, calculadora, entre outros objetos que facilitem o visual e tátil da criança.

Diante da gama de informações e estratégias oferecidas, o professor precisa realizar um trabalho de resgate da autoestima dessa criança, favorecendo um crescimento emocional, para que este possa evoluir em todos os aspectos previstos, construindo uma relação aluno-professor em que ambas estejam conectadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos foi possível perceber as grandes queixas relatadas no ambiente escolar, sobre as dificuldades de aprendizagem, que muitos alunos, mesmo com diversas habilidades, apresentam demasiadas dificuldade de leitura e escrita para as séries que estão inseridas, sendo na maioria das vezes rotulados como fracassados, ou outros tipos de insultos, que venha difamar ou afetar diretamente sua autoconfiança.

Foi possível notar ao longo da pesquisa que as pessoas ainda possuem uma carência de conhecimento acerca da dislexia, confundindo erroneamente com falta de interesse ou preguiça do indivíduo, outro fator que ocorre com frequência por partes de alguns é associar diretamente um problema de aprendizagem, que não foi desenvolvido pela criança ainda com o distúrbio analisado, por isso faz-se necessário um estudo minucioso de uma equipe formada por vários profissionais, quando um caso está sendo investigado, para chegar a um diagnóstico preciso e conclusivo.

Outro ponto importante deste trabalho foi durante o estudo de caso, pode-se concluir através das entrevistas e aplicações dos questionários, que muito dos docentes que participaram conhecem superficialmente a dislexia e seus sintomas, mas que buscam novas estratégias para melhorar seu trabalho em sala de aula, porém situações como a falta de um profissional que oriente e acompanhe estes alunos, a ausência quase total dos pais, negligenciando um tratamento e acompanhamento aos seus filhos, aplicar novas metodologias e estratégias também é um empasse, pois a escola utiliza métodos tradicionais no seu processo de ensino.

É notório que o educador deve buscar meios para que seus alunos desenvolvam sua aprendizagem, o lúdico, jogos educativos são meios que auxiliam os alunos, tornando o ambiente mais sugestivo para que este desenvolva suas habilidades sem o medo da reprovação, mesmo o aluno típico ou atípico o professor deve buscar conhecê-lo, sua vivência, sua rotina, sabe-se que isto pode ser utópico, perante a realidade educacional que nos cerca, mais é imprescindível que as escolas se adequem a nova realidade, a cada dia cresce o número de crianças que apresentam algum distúrbio, transtorno ou síndrome, e estas precisam se sentir de fato incluídas e ativas no ambiente chamado escola.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Dislexia (**ABD**). Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 09/02/2020.

Associação Nacional de Dislexia (**AND**). Disponível em: <http://www.andislexia.org.br>. Acesso em: 09/02/2020.

ASSUNÇÃO, Gabriele Silva. **A dislexia e os desafios no processo de aprendizagem da língua portuguesa**. Monografia em Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas. Universidade do Estado da Bahia. Santo Antônio de Jesus: Bahia. 2018.

ALVES, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. A. **Dislexia**: Novos temas, novas perspectivas. Wak editora, 2ed. Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BERGAMO, Giuliana. **Neurônios à deriva**. Veja. São Paulo, p. 104-105, jun.2005.

DESLAURIERS, j.-P. Recherche qualitative- Guide pratique. Montreal: McGraw-Hill. 1991.

DIAS, Lucinda. **Problemas de Aprendizagem**: procedimentos pedagógicos terapêuticos. Mimeo. S/l: Antroposófica, 1995.

FRANK, Robert. **A vida secreta da criança com dislexia**. M. Books do Brasil Editora Ltda. São Paulo, 2003. ISBN: 85-89384-12-8.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem** . 2ª ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **O desenvolvimento da competência linguística na dislexia**. Especialização em Psicopedagogia Institucional. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro – RJ. 201. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf. Acesso em: 06 de agosto de 2020.

GERHARDT, Engel Tatiana, RAMOS Ieda Cristina Alves, (Orgs). Estrutura do projeto de pesquisa. In **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 27 de março 2020 às 13h00min.

GONÇALVES, A.M.S. **A criança disléxica e a clínica psicopedagógica**. 2005. Disponível em: http://www.andislexia.org.br/hdl12_1.asp. Acesso em 01/05/2020 às 17h00min.

JARDINI, Renata. **Dislexia**. São Paulo Disponível em: < <http://www.oqueedislexia.com.br>>. Acesso em: 10 de março de 2020 às 16h 30min.

JOHNSON, Doris J. & MYKLEBUST, Helmer K. **Distúrbios de aprendizagem**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1991

MASSI, Giselle. A. **A dislexia em questão**. Plexus, São Paulo. 2007.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos**. Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2013.

MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 10. ed. São Paulo: Edicon, 2003.

NICO, N. A. M. **Métodos de alfabetização e a dislexia**. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 22 abril de 2020 as 16h: 00min.

NORMAN, Doidge, **O cérebro que se transforma**. Como a neurociência pode curar as pessoas. Casa cuca. Instituição de ensino. Ed. Record. 2011.

OHLWEILER, L.; RIESGO, R. dos S. (Orgs.). **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed. 2016.

OLIVIER, L. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Disponível em: <http://dislexiabrasil.com.br/Definicoes.aspx>. Acesso em: 11 de abril de 2020 às 13h: 00min.

PEREIRA, Sérgio. **Dislexia**. Instituto de Apoio e Desenvolvimento (ITAD). Lisboa. Disponível em: <http://www.itad.pt/problemas-escolares/dislexia/>. Acesso em: 23 de abril de 2020.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. Editora Wak, 2006.

RIBEIRO, Florbela Lopes. **A criança Disléxica e a escola**. Monografia de Pós-Graduação em Educação Especial. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto, 2008, p. 49.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica. In Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 27 de março de 2020 às 17h00min.

SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a dislexia: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 288 p.

VYGOSTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fonte, 6. Ed. 1979, p.45.

TAVARES, H. V. **Apoio pedagógico as crianças com necessidades especiais**. São Paulo, 2008, p.22. Disponível em: <http://www.crda.com.br/tccdoc/43.pdf> Acesso em 10/05/2020 às 17h30min.

ZORZI, J. L. **Os distúrbios de aprendizagem e os distúrbios específicos de leitura e da escrita**. CEFAC, 2004.

7. Todas as crianças e adultos que têm dificuldade em ler, soletrar e escrever são disléxicos?
() Sim () Não
8. A dislexia afeta diretamente o fator emocional e comportamental do indivíduo?
() Sim () Não
9. É no processo de alfabetização que surgem as primeiras características da dislexia nas crianças?
() Sim () Não
10. Quais as suas principais dificuldades encontradas em sala de aula para se trabalhar com o aluno disléxico?

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que sempre guiou meus caminhos durante minha vida, Ele que me deu força e coragem para vencer todos os dias, oferecendo novas oportunidades e objetivos para crescer. Este Ser Supremo vai estar presente ininterruptamente na minha vida, sendo meu pilar e conduzindo para as vitórias que almejo.

À minha preciosa MÃE que me educou e me proporcionou uma vida digna, me transformando em um ser de caráter que sou hoje, aos meus irmãos, em especial agradeço a meu marido Marcus Henrique que sempre me apoiou, todas essas pessoas que contribuíram me deram apoio para vencer mais um degrau na vida.

A todos os meus professores do curso de Graduação, que muito contribuíram em minha aquisição de conhecimentos, em especial ao Professor Orientador Vital que com paciência e dedicação me orientou na construção deste trabalho.

A todos os colegas da turma, que conheci nessa etapa acadêmica pela qual passamos juntos, em especial algumas amigas da turma que são verdadeiros ao qual tive o prazer de conhecer e conviver durante esse período.

De modo geral a todos que cooperaram na minha trajetória, agradeço a todos que fizeram parte dessa caminhada.